



P06-168: Revisitando um curso de formação docente sobre gênero e sexualidade

Beatriz Rodrigues Lino dos Santos, pedagoga.beatriz@gmail.com, Secretaria de Educação de Eunápolis-BA e Faculdade Espírito Santo – FAES.

Marcos Lopes de Souza, marcos.lopes@uesb.edu.br, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

RESUMO. Este artigo objetivou analisar os novos interesses e sugestões sobre as temáticas gênero e sexualidade que inquietaram as/os docentes, após a participação em um curso de formação continuada. Nós nos pautamos nas pesquisas pós-críticas e pós-estruturalistas e, como instrumento de produção de informações, utilizamos da entrevista semiestruturada realizada com seis docentes participantes do referido curso, ofertado por uma universidade estadual baiana, no Brasil. As docentes relataram que os cursos poderiam ter ações educativas contínuas nas escolas, além de uma articulação com as famílias e demais pessoas da comunidade, pois ainda consideram um desafio trabalhar essas questões em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE. Formação de professores/as, gênero e sexualidade.

INTRODUÇÃO

Historicamente, sabemos que temas como diversidade de gênero e sexual foram entendidos como inadequados para serem abordados nas escolas. Tais discussões são marcadas pelas relações de poder, onde alguns discursos são mantidos na escola e outros silenciados. Ainda nos dias atuais é comum perceber entre as/os professoras/es a dificuldade em abordar tais questões. Nas instituições escolares, geralmente, estas questões provocam inquietações e atritos entre a comunidade escolar e a família (Louro, 2011).

Diante disso, reconhecemos a importância de fomentar cursos de formação continuada que inquietem as(os) professores(as), especialmente, sobre o campo dos estudos de gênero e sexualidade. Portanto, neste artigo, apresentamos e discutimos as sugestões e novos interesses que as/os professoras/es tiveram em relação às questões de gênero e sexualidade, mesmo depois de terem concluído um curso de formação continuada.

METODOLOGIA

Neste trabalho, nos ancoramos na pesquisa qualitativa, trabalhando com a vertentes pós-críticas e pós-estruturalistas, pois estas se baseiam em questionamentos das verdades e das certezas absolutas, trabalhando, portanto, com as incertezas, com a ambiguidade e provisoriedade e com a problematização (Meyer & Soares, 2005).

Para responder ao objetivo da pesquisa, buscamos as/os docentes que concluíram o curso de formação continuada em diversidade de gênero e sexual ofertado por uma universidade estadual baiana, campus de Jequié-BA. Este curso teve 4 turmas, sendo desenvolvido, anualmente, nos períodos de 2009 a 2013, exceto no ano de 2012. A carga horária anual da formação era de 200 horas, distribuídas entre março a dezembro.

Para a escolha das participantes, elegemos alguns critérios: atuarem na educação básica; terem concluído o curso em turmas diferentes; trabalharem em escolas distintas e, se possível, de outras cidades que não apenas aquela em que ocorreu o curso e tivessem interesse em colaborar com a investigação. Assim, seis docentes participaram da pesquisa, conforme o quadro 1.

Figura 1. Apresentação geral das professoras.

Nome Fictício	Graduação	Atuação	Tempo De Atuação Na Docência	Cidade Em Que Reside	Ano Em Que Fez O Curso De Formação
Joanina	Ciências	Ciências	26 anos	Jequié	2009
Sandra	Biologia e Filosofia	Vice-diretora Filosofia	Mais de 20 anos	Jequié	2010
Aline	Pedagogia	Educação Infantil	28 anos	Jequié	2010
Vilma	Biologia	Física	11 anos	Jequié	2011
Lina	Pedagogia	Coordenadora Pedagógica	4 anos	Jequié	2011
Marise	Pedagogia	Coordenadora Pedagógica	12 anos	Jitaúna	2013

Fonte: Autores do trabalho.

Como ferramenta de produção das informações foram realizadas entrevistas semiestruturadas com base em um roteiro de questões (Silveira, 2007). As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas na íntegra e, posteriormente, analisadas tendo como base os referenciais do campo dos estudos de gênero e sexualidade.



NOVOS INTERESSES E SUGESTÕES PARA A RECONSTRUÇÃO DE UM CURSO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM GÊNERO E SEXUALIDADE

As vozes das professoras nos possibilitou repensar o curso de formação, trazendo aqui sugestões sobre novas possibilidades. A professora Aline deixa pistas sobre a importância da continuidade do diálogo, construindo rodas de conversas com as comunidades sobre as questões de gênero e sexualidade. Desta forma, ela propõe que o curso de formação deva ser mais abrangente, ir para as comunidades e não se restringir apenas à universidade. Marise e Lina também ressaltam a necessidade de expandir esse conhecimento sobre diversidade de gênero e sexual para a comunidade escolar.

Por outro lado, entendemos que Aline e as demais professoras, participantes do curso, podem desenvolver este trabalho sem, obrigatoriamente, necessitarem de um/uma especialista na escola. Jorge Larrosa (2014) questiona essa preocupação insistente e excessiva em perseguir a informação como algo que pode dar conta de tudo, como se o fato de estar informado trouxesse a sabedoria e transformasse as ações dos sujeitos.

Outra questão trazida por duas professoras diz respeito a uma das ações realizadas durante o curso de formação continuada sobre gênero e sexualidade, no caso, a elaboração e o desenvolvimento de uma intervenção em uma escola da educação básica tendo como foco as discussões sobre gênero e sexualidade. Esta atividade tinha a carga horária mínima de 8 horas e era parte da avaliação. Para a conclusão do curso, todas deveriam apresentar os resultados da intervenção e entregar o relatório final.

Lina e Vilma falaram da importância desta intervenção desenvolvida na escola, porém mencionaram a necessidade de melhorar esta ação. Primeiramente, elas relatam que a intervenção era bem pontual, sendo necessário ampliar esse tempo de atuação na escola e/ou desenvolver algo mais permanente, embora Vilma aponte a dificuldade em atingir muitas escolas com ações contínuas.

Além disso, Joana relata que muitas docentes participantes do curso tinham vergonha de falar sobre gênero e sexualidade. O que preocupou Joana é de que forma o curso de formação pode tocar cada sujeito para ser mais desinibido e conseguir dialogar sobre as temáticas relativas às discussões de gênero e sexualidade? Baseando-se em Larrosa (2007), talvez este seja um dos grandes desafios enfrentados pelos múltiplos espaços formativos, ou seja, construir uma formação que se distancie de um modelo instrutivo e normativo e se produza com base em ideias criativas e plurais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em relação às sugestões para repensar a proposta do curso de formação continuada sobre gênero e sexualidade e outros possíveis desdobramentos, uma delas é garantir uma maior aproximação entre universidade e comunidade, construindo mais espaços de debate sobre gênero e sexualidade. Outras professoras também recomendaram a possibilidade de uma maior interação entre universidade e escola, especialmente para que sejam pensadas ações educativas mais contínuas no espaço escolar.

Destacamos que não é possível, desse modo, prever quais os desdobramentos que o curso produzirá na vida de cada docente. Afinal, falar de experiência é dizer de um processo singular, mesmo que estejamos em espaços compartilhados. De qualquer forma, aquelas que se permitiram experienciar, se oportunizaram repensar suas formas de ver e pensar o mundo, desconstruindo certezas cristalizadas e únicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Larrosa, J. (2007). Literatura, experiência e formação: uma entrevista de Jorge Larrosa. In: Costa, M. V. (org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. (pp. 129-156). 3a ed. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Larrosa, J. (2014). *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2011). Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Revista Brasileira de Pesquisa Sobre Formação Docente*, 3 (4), 62-70. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfpf/article/view/31>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- Meyer, D. E., Soares, R. de F. R. (2005). Modos de ver e se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: Costa, M. V., Bujes, M. I. E. (orgs.). *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. (pp. 23-44). Rio de Janeiro: DP&A.
- Silveira, R. M. H. (2007). A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: Costa, M. V. (org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. (pp. 119-141). 2a ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora.